

Pesquisa da FGV mostra que, pela primeira vez em 130 anos, o número de católicos parou de cair. A adoção de programas sociais contribuiu para isso. País ■ A6

PESQUISA ■ Estudo liga mudança de religiosidade à situação econômica

Número de católicos pára de cair no país

Denise Almeida e Josie Jeronimo

A religião no Brasil passa ao largo da conclusão do sociólogo alemão Max Weber, quando relacionou desenvolvimento econômico e fé no clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. De acordo com a pesquisa *Economia das religiões* da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a preservação da hegemonia católica – e não protestante, como escreveu o pensador alemão – está diretamente relacionada à distribuição de renda e ao crescimento econômico.

Responsável pela pesquisa da FGV, Marcelo Nery cita o trabalho do sociólogo do início do século XX e observa que as políticas sociais implementadas nos últimos anos tiveram interferência direta na manutenção do catolicismo como principal religião do Brasil laico. Pela primeira vez em 130 anos, o número de católicos parou de cair. De 2000 para 2003 a porcentagem seguidores da religião se manteve em 74% da população. Em 2003, o Bolsa Família engatinhava, mas nova pesquisa vai mostrar que o programa freia a ascensão das igrejas pentecostais, acredita o pesquisador.

– O Bolsa Família se expande

para áreas metropolitanas, traz melhoria de vida pode conservar o status quo religioso – presume.

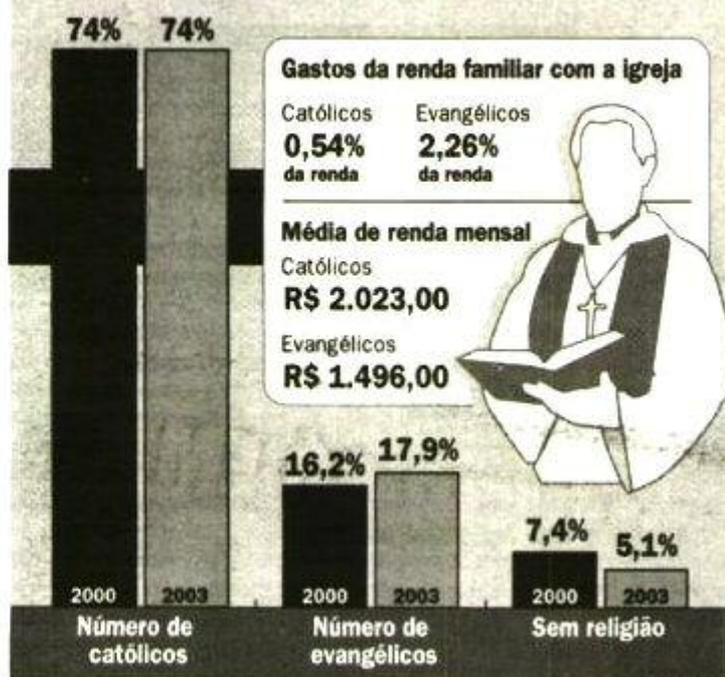
O pesquisador explica que o avanço das igrejas evangélicas ocorre principalmente nas periferias, onde falta o poder público. A economia estável, depois do Plano Real, e políticas assistenciais seguraram no catolicismo os fiéis que pretendiam ocupar a ausência do Estado com a igreja. O cardeal-arcebispo do Rio, dom Eusébio Scheid, comemorou o resultado do estudo:

– A pesquisa me surpreendeu, porque pensávamos que a igreja estava regredindo. Precisamos amadurecer para saber porque as pessoas mudam de religião.

Se os católicos não estão diminuindo, os evangélicos não param de aumentar. Foram de 16,2% em 2000 para 17,9% em 2003. Os pentecostais atraíram os sem religião, que passaram de 7,4% para 5,1%. Em termos de gastos com dízimo, os evangélicos estão na frente. Com renda média de R\$ 1.496, doam 2,26% dos vencimentos. Os católicos ganham em média R\$ 2.023, mas só passam à Igreja 0,54% da renda.

■ Leia e opine no **JB Online**, www.jb.com.br / 24 horas

A religião no Brasil



Fonte: FGV